

Águas da Baía: entre casas, mangues e marés*Maria Marcelina Cardozo Teixeira Azevedo¹***Resumo**

Guiada pelos manguezais e pelas marés do Rio Paraguaçu, Recôncavo Baiano, este trabalho explora os ritmos e os movimentos dos viventes, humanos ou não, bem como as águas da Baía do Iguape. Nessa baía, as águas, regidas pelas luas e ventos, determinam os tempos e os ritmos de diferentes seres e paisagens. Os ritmos do caminhar, pescar e mariscar de meus interlocutores da comunidade pesqueira e quilombola São Francisco do Paraguaçu (Cachoeira-BA) nos conduzem aos seus espaços de trabalho e às relações que se constroem nas marés e nos manguezais, estes de agência própria, que interagem, à sua maneira, com as experiências vividas pelos demais seres ali habitam. Os múltiplos usos da água, tanto materiais quanto simbólicos, estão intimamente conectados ao engajamento das pessoas e às suas experiências sensoriais com o ambiente. Desse modo, por meio das atividades realizadas por meus interlocutores na Baía do Iguape do Rio Paraguaçu e inspirada em Olivia Cunha (2022), proponho uma reflexão sobre a importância da água, elemento essencial à vida na terra, embora esta, a terra, seja frequentemente centralizada em debates sobre mudanças climáticas. Esta discussão visa redirecionar nossas perspectivas humano-centradas e terrestres para as vidas intra-humanas e demais seres das águas, nos atentando às ontologias submersas como condição de possibilidade no plantationceno.

¹ Trabalho apresentado na 10ª REACT - Reunião de Antropologia da Ciência e da Tecnologia entre os dias 06 e 10 de outubro – 2025 na Universidade do Estado do Rio de Janeiro em Rio de Janeiro/RJ. Doutoranda e mestra em Antropologia Social pelo Museu Nacional (PPGAS/MN/UFRJ). Bacharel em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia pela Universidade de Brasília (DAN/UnB). Email: marcelina.azevedo@gmail.com.

10ª ReACT

REUNIÃO DE ANTROPOLOGIA DA CIÊNCIA E DA TECNOLOGIA

PRÁTICAS GERMINANTES

06 a 10 de outubro de 2025

Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ

Palavras-chave: Recôncavo Baiano; Baía do Iguaape; relações multiespécies; quilombo; movimento.

O presente trabalho é resultado de um dos capítulos da minha dissertação de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGAS/MN/UFRJ) em fevereiro deste ano. Para a dissertação, trabalhei com uma comunidade pesqueira e quilombola chamada São Francisco do Paraguaçu, localizada no município de Cachoeira, no Recôncavo Baiano. Essa comunidade é banhada pelas águas da Baía do Iguaape, que é um berçário natural de diversas espécies, fruto do encontro das águas doces do rio Paraguaçu e das águas salgadas da Baía de Todos os Santos.

Na dissertação, busquei refletir sobre o habitar em terras amparadas pelas águas da Baía do Iguaape. Percorrendo os caminhos entre casas, mangues e marés, assim como os de matas, rodagens e *passeios*, eu apresento um cenário etnográfico de relações múltiplas e dinâmicas, moldadas também pelos impulsos e caprichos das águas, cujos ritmos e movimentos atravessam e se sobrepõem à paisagem. Esses itinerários, percorridos por mim — sozinha ou com meus interlocutores — e pelos próprios em seus trajetos diários — não apenas nos informam sobre o modo de habitar essa paisagem, seus possíveis riscos e rigidez cotidiana, mas também revelam os ritmos, movimentações e relações que, nessa paisagem, fluem e se sobrepõem.

A gente véve da pesca

As águas sempre estiveram ali, quase sempre à vista, chiando e roçando na areia ou na lama. Embora nem sempre audíveis aos humanos, a depender da lonjura das casas que escalam os pés dos morros e tabuleiros que abrangem o território de São Francisco do Paraguaçu, o mormaço sentido nos corpos de seus habitantes é inconfundível, assim como a maresia aspirada pelos diferentes seres da baía. Guiadas pela força dos ventos e pela atração da lua, que por vezes se revela no vasto céu do Vale do Iguaape, se dá o balanço das marés, que levam e trazem as águas desta baía.

É certo que quem de maré também vive, ou quem por ela é atraído, tem sua vida atravessada por seu tempo e regida por seu ritmo. Ser e se deixar governar pela maré é estar em sintonia com suas — embora, em alguma medida, previsíveis — oscilações e humores. Humores esses que impõem seus desejos e caprichos, que movimentam paisagens e determinam modos de viver e de existir de ecossistemas inteiros, cadenciando relações, também humanas, entre os diversos seres que com essas águas vivem e habitam.

Ao chegar ao porto, seu Balbino sacou a *boia* branca que vinha carregando nas mãos desde sua casa, nosso ponto de encontro naquela manhã. A *boia* servia de chaveiro para as chaves que abrem o *tijupá*, uma pequena casa de taipa contendo uma infinidade de apetrechos de pesca, esses que saltaram à vista quando o pescador abriu as portas. Gaiolas de ferro e de *tubo*, *boias*, feitas de garrafas de água sanitária verdes e azuis vazias, *munzuás*, redes de malhas dos diferentes tamanhos e grossuras. São todas artes de pesca, que o pescador usa, empresta ou negocia com os demais.

Seu Balbino se serviu de quatro camarãozeiras, duas de 20mm e duas de 22mm. Seu relógio apitou quando já estava prestes a terminar de aprontar nossas malhas. Eram 07hrs e o mormaço começava a queimar. Faltavam alguns instantes para a *preamar*, ou preia-mar, quando a maré termina de encher e se prepara para vazar. *Bora Maria, tá na hora*, convocou o pescador. As malhas estavam prontas, só nos restava preparar a canoa, o que consistia em tirar a água de dentro e deixar as redes e *boias* verdes no ponto para *lançar* à maré. Nessa primeira ida, apenas *botamos o lanço* e retornamos à terra. Após *uma hora de relógio*, retomamos à maré para *correr* a rede, na expectativa que a *preamar* estivesse para peixe.

Naquela manhã, seu Balbino e eu havíamos nos encontrado em seu *passeio*, um pouco depois das 05hrs. Após a conquista da aposentadoria pela *colônia*², *Deus abençoou*, e não precisa mais *se acabar*, nem trabalhar o tempo todo. Também devido a uma dor no ciático e hérnia de disco, certamente decorrentes de uma vida de muito trabalho nas águas, hoje o senhor pesca pouco, às vezes que gosta de *botar um lanço* na *preamar*, ou *correr* uma gaiola, apenas para levar para casa ou *meiar* com um *moço* ou conhecido. No dia que quer *botar, vai lá e bota*. Não perdeu seu *costume*, tem sua *arte de gaiola e de rede* e

² Organização de pescadores que visa defender melhores condições de trabalho, acesso a políticas públicas e garantir os direitos dos pescadores. São Francisco do Paraguaçu integra a zona de pesca Z-52.

sua canoa, que não pretende vender. E não vê por que parar de pescar, até porque não gosta de ficar parado em casa, *é ruim*.

As garrafas de água sanitária, verdes, brancas e azuis, são feitas *boias* e indicam a presença de redes e gaiolas na maré. *Botar gaiola* é uma atividade realizada tanto na maré quanto no manguezal. No mangue, quem entram nelas são os *siris de mangue*, mais *graúdos* que os de maré, o *siri-tinga*, *este* que, por alguns moradores da comunidade, como o peixe bagre, é rejeitado para alimentação. Mas não quer dizer que um *siri de mangue* ou outro não possa ser *apanhado* na maré da baía. Para se *botar gaiola*, de *tubo* ou de ferro, os pecadores as amarram umas nas outras por uma corda, com duas ou três *boias* e uma ancora, as primeiras para sinalizar onde estão na maré e a ancora para que não andem.

Para *correr gaiola* na maré de mar, se faz uma certa tração em um dos lados da canoa, *correndo* a corda em movimento semelhante ao de *correr rede*, roçando-a na lateral da embarcação, por seu lado certo. Essa pescaria pode ser realizada ao longo de dias, não havendo necessidade de o pescador desarmar sua arte de pesca. Desse modo, o responsável pela pescaria, sendo o *mestre de rede* ou o *moço*, vai à maré várias vezes ao longo da semana, por vezes mais de uma ao dia, intercalando as atividades de abastecer as gaiolas com iscas, em geral de bagre ou carapeba, e as *correndo*, despejando a pescaria na canoa.

As águas da Baía do Iguaape, assim como as da Baía de Todos os Santos, são bastante navegáveis. No Iguaape, por não se tratar de mar aberto, as águas possibilitam a navegação em embarcações de madeira, como a de seu Balbino, diferentemente de outras comunidades do Recôncavo, onde o mar aberto torna esse meio de locomoção mais arriscado, apesar de já ter sido utilizado. Porém, demais embarcações de casco mais profundo enfrentam dificuldades de transitar pela baía. Na altura de São Francisco, essa não é uma preocupação, pois as embarcações a vapor costumavam circular tranquilamente por essas águas.

Mas o tempo das marés já não é como o de *antigamente*, *elas tão mudando*. O pescador diz que tinha vez de *correr rede* pela manhã e não pegar nada, daí a tarde *correr rede* e *gaiola* no manguezal para pegar *siri de mangue*. No mangue, seu Balbino ficava

com o braço em carne viva, das raízes dos buracos que o rasgavam. De casa, a *mulher* já acendia o fogo para quando ele chegasse, para *catar* o siri.

Hoje o *mestre de rede* já não *se acaba* tanto, também pela idade. Diferente de um colega seu que, devido a problemas semelhantes na coluna, opta por pescar na maré pequena, essa que exige menos, seu Balbino tem outro “ritmo” de trabalho, segue na *preamar*, na maré grande. O pescador trabalha com redes mais leves, apesar de seguir com seu remo e canoa de madeira, sem motor; só vai à maré quando dá vontade, para levar um pescado ou marisco para dentro de casa. Não tem mais *tanta precisão*, *tá com o dele garantido*.

Nesse mesmo porto em que atraca sua canoa, um dia funcionou um estaleiro, em que era realizado o conserto de barcos e saveiros, dentre outras embarcações que, outrora, realizavam o transporte de pessoas e cargas, como o antigo Vapor de Cachoeira, embarcações a vapor, que não navegam mais no mar. Em grande medida, o conserto de canoas é realizado pelos próprios pescadores. No porto, há uma espécie de cemitério de barcos e canoas, esses que, por algum motivo, entraram em desuso e ali foram abandonados.

A rota do Vapor de Cachoeira, bem como de outros navios, partia da cidade de Cachoeira descendo pelo rio Paraguaçu e Baía do Iguape, em direção a Salvador. Em São Francisco, a *ponte*, defronte às ruínas do Convento Santo Antônio, era o local do embarque e desembarque na comunidade. Antes da chegada das rodovias, algumas finalizadas apenas na década de 1970, o trajeto pelo rio baiano e as embarcações a vapor eram os meios mais viáveis para se chegar a essa região do Recôncavo, bem como ao Sertão Baiano. Era também por esse trajeto que se realizava, no período da colonização, o escoamento da produção dos engenhos canavieiros, das plantations de cana-de-açúcar que tomavam essas terras, dentre outros produtos, como o fumo e derivados da cana, que desciam pelas águas do rio e da baía em direção a capital, onde posteriormente seriam encaminhados para o continente europeu.

Peixe é tudo acerto. Nunca se sabe a pescaria que se vai *apanhar*. Pode *apanhar* alguma coisa e pode não *tá apanhando* nada. Nesse dia, *armamos* a rede na *preamar* e acertamos. *Apanhamos*, quase o balde cheio, peixe de diferentes *marcas*, até camarão. Mas pescar tem se tornado uma atividade mais difícil, *você não panha mais como*

antigamente. As marés mudaram. A água agora vive limpa. Por conta da barragem, o marisco não vem. Antes tinha maré doce e maré salgada, agora, para quem vêve de maré, é tudo salgado. Só quando a maré fica barrenta, quando ela senta, é que o marisco chega. Aí ela fica doce. Mas isso só acontece quando tem trovoada, que é mais no verão. Quando é assim, por medo, quando tá demais, é que soltam água lá de cima. Mas eles também não avisam às comunidades quando vão soltar, logo elas, que tem suas marés banhadas pelas águas da baía e das águas também precisam para viver.

Lá em cima está o Complexo Pedra do Cavalo, composto pela Barragem Pedra do Cavalo e pela Usina Hidrelétrica (UHE) de mesmo nome. A barragem, que finalizou suas obras em 1985, tinha como fins iniciais regular a vazão do rio Paraguaçu que, em períodos de chuva, alagava as cidades de Cachoeira e São Félix, provocando grandes enchentes. Além disso, tinha a função de abastecer em água a cidade de Salvador e região metropolitana, bem como Feira de Santana. Já a hidrelétrica, que passou a operar em 2005, ao gerar energia, também *lá de cima*, mistura às águas uma série de químicos que, quando liberadas pelo complexo, *limpam* a Baía do Iguape em sua reconhecida diversidade e abundância de espécies de mariscos e pescados.

No que tange a hidrelétrica, estou me referindo a uma dinâmica entre duas águas: uma água *barrenta* ou *boa* e uma água *limpa* ou *queimada*. A água que sai *por cima* da barragem é a do Paraguaçu, que é uma água *barrenta*, a água *boa*. Quando liberada pelas comportas, traz espécies de marisco e demais pescados de água doce, como arraia, que ficam presos *lá em cima*. Os pescadores e pescadoras-marisqueiras, que não são alertados da liberação das águas, contudo, conseguem identificar quando essas são soltas pelas comportas, tanto pela água que sobe de nível e por sua cor amarronzada, como também pela baronesa, uma planta que aparece *cá embaixo* na maré, boiando na baía e adentrando os manguezais. Já a água que sai *por baixo* da barragem, pelas turbinas, é a água *ruim aqui pra gente*, a água *queimada*, que gera energia, logo sai refrigerada, e com químicos.

Outra consequência decorrente da presença dos empreendimentos supracitados na Baía do Iguape é a coceira gerada nos pescadores e pescadoras-marisqueiras ao entrarem em contato com águas. Pesquisas de biólogos, como Veloso Júnior (2020), apontam como causadora das coceiras uma esponja da espécie *Amorphinopsis atlântica*. Na verdade, as irritações são causadas pelas pequenas partículas que compõem o ser, conhecidas como

espículas (Veloso Júnior, 2020), que possivelmente chegaram ao estuário por meio de traslados de navios e estruturas petrolíferas do estaleiro.

Além do Complexo Pedra do Cavalo, outro conjunto de empreendimentos que assolam a diversidade dos mariscos e pescados na região é o Polo da Indústria Naval da Bahia, em especial o Estaleiro Enseada Indústria Naval S.A, antigo Estaleiro Enseada do Paraguaçu (EEP), no município de Maragogipe (Muricy, 2022). Hoje inativo, o estaleiro está, segundo os moradores, no *berçário do rio*, local em que os mariscos também *sobem* para as marés de comunidades do Vale do Iguape. Apesar de localizado na comunidade Enseada do Paraguaçu, parte sul da Baía do Iguape, devido ao fluxo dos ventos e das águas, os efeitos desse empreendimento atingiam as comunidades situadas acima, como é o caso de São Francisco do Paraguaçu³, dentre tantas outras banhadas pelos braços do rio e que também seguem para demais águas do Recôncavo.

Nessas águas, a esponja teria se adaptado devido a diminuição da vazante da água doce do estuário, provocada pela barragem e hidrelétrica Pedra do Cavalo em relação ao rio Paraguaçu, que reduziu a variação das águas, outrora salobras, e provocou o consequente aumento da salinidade da baía. Em Santiago do Iguape, raízes de mangue e paus das camboas de pesca, armadilhas utilizadas pelos pescadores na captura de pescados, foram apontados como lugares de maior incidência e proliferação das esponjas.

Assim como a esponja, demais espécies invasoras passaram a habitar a Baía do Iguape, como alguns tipos de corais (*Tubastraea tagusensis* e o *T. coccínea*). Além disso, uma nova espécie de siri (*Charybdis hellerii*) (Veloso Júnior, 2020), conhecida entre meus interlocutores como *siri-capeta*. Essa *marca*, segundo os pescadores, vem nos lastros ou cascos de navios estrangeiros que aportam no estaleiro naval. O *siri-capeta* é encontrado próximo às pedras dos manguezais e abocanha espécies de siris nativas. Apesar disso, a espécie integra a alimentação dos moradores da comunidade. Segundo os pescadores com quem conversei, esse siri ainda não foi encontrado em Santiago do Iguape, comunidade vizinha, apenas em São Francisco.

Mesmo quando uma maior quantidade de água doce é liberada pela estrutura da barragem, o que pode favorecer o desaparecimento de algumas esponjas, as pequenas

³ Para mais dessa discussão ver Prost (2010), Zagatto (2019) e Muricy (2022).

partículas do porífero perduram nas marés, causando incômodos e desconfortos nos pescadores e pescadoras-marisqueiras, nestas últimas inclusive em suas partes íntimas.

Antes da barragem, quando salobras, as águas da baía eram um pouco mais previsíveis, não atrasando os horários de encher ou vaziar. Agora vem *acertando*, porque dos peixes tem se acostumado com os novos fluxos. Tudo se *costuma*, como diz seu Balbino. Mas *de antes*, a água ficava doce até Salvador. E o marisco *chegava*. Na hora que *sentava* a água, era só botar a rede que *panhava*. De manhã e à tarde, os pescadores *panhavam* capacetes e capacetes de camarão. Hoje a barragem *controlou*. Em uma maré pode até fazer uma pesca boa, mas na outra já não faz. Antigamente, nem de maré pequena se voltava *puro*. E *dava gosto* pescar. Se você vai e não *panha* nada, qual *gosto de ir* você tem no outro dia? Mas se você *vêve* daquilo, mesmo sem *panhar*, tem que ir. *Se não for*, como vai trazer *pirão*, levar *moqueca pra dentro de casa*? *Se não dá pra vender, dá pra comer*.

Paisagens fluidas, ontologias submersas

Como observado por Olivia Cunha (2022), para as populações quilombolas, indígenas e tradicionais, cujas ontologias, na modernidade, são desprovidas de humanidade, a água não é apenas um recurso gerador de energia ou para atender necessidades diárias e vitais, mas essencial para a subsistência e existência dessas populações.

Como assinalado pela autora, a maneira como essas populações utiliza a água contrasta fortemente com o modo das grandes indústrias, estruturas desenvolvimentistas e as máquinas do plantationceno — como exemplificado pelos empreendimentos que atravessam as águas da Baía do Iguape, como a barragem, hidrelétrica e o estaleiro citados. Esses usos impactam diretamente as comunidades, que dependem da água, por exemplo, para atividades como as de pesca e mariscagem.

Esse outro modo de existir e interagir com a água constitui essas populações como parte dos ambientes que habitam, o que as conecta com outras formas de existência, também não-humanas. A centralidade da água na vida dessas pessoas se evidencia nas áreas de várzea, estudadas por Mark Harris (1998), em trabalho com uma comunidade de “caboclos” na Amazônia brasileira, em que o autor analisa o ritmo sazonal vinculado aos

movimentos das pessoas em suas atividades sociais, que respondem às alternâncias ocorridas nos ambientes por eles habitados (1998:69). Mas também nas marés e manguezais de diferentes contextos e ambientes pesqueiros, como os destacados por Sacramento (2021), Coelho Pereira (2021) e Machado (2024).

Elionice Conceição Sacramento (2021), pescadora-marisqueira e quilombola de Conceição de Salinas, Salinas da Margarida, Bahia, argumenta que a maré é, ao mesmo tempo, um lugar de trabalho e um fenômeno, que determina os tempos e ritmos da pesca e mariscagem. Aqui, estamos falando especificamente de “maré grande” e “maré pequena”, sendo que a maré grande gera fortes expectativas entre os pescadores e pescadoras-marisqueiras, devido à maior diversidade de pescados que ela propicia.

Ao passo que os ritmos das marés ditam o tempo das paisagens, seus movimentos também forjam um lugar que, em muitos territórios pesqueiros, é dedicado ao trabalho, à obtenção de alimento e ao sustento, além de ser um espaço onde se tecem relações. Assim, o tempo das marés determina o momento em que os pescadores devem estar nas águas, geralmente na maré grande. Além disso, o ciclo das marés regula o ritmo de trabalho dos pescadores, afetando não só as condições do trabalho, mas também as circunstâncias às quais eles estão sujeitos (Sacramento, 2021). Nesse sentido, é a maré que define não apenas onde o pescador vai pescar, mas também quando irá.

Os ritmos e movimentos da maré revelam relações entre seres humanos e não-humanos, bem como maneiras de viver e habitar nesses ambientes. Coelho Pereira (2021) e Machado (2024) exploram a relação dos seres humanos com a paisagem, as dinâmicas que ocorrem nesses e com esses lugares e o que eles representam para as pessoas.

Desse modo, as “artes do movimento”, discorridas por Coelho Pereira (2021:136)

envolvem não apenas um simples deslocamento no espaço ou variações através do tempo, mas implicam ainda práticas perceptivas de engajamento e mudanças no e com o meio. Engendram aprendizados técnicos que vão desde movimentos corporais até práticas de conhecimento sobre e com as raízes, os solos, os caranguejos e as temporalidades do território. É a partir dos movimentos, por fim, que o próprio corpo vai se constituindo nas interações com o mangue.

Coelho Pereira (2021) nos mostra como não há nada trivial em movimentar o corpo na lama. Entre caminhos de lama, aqueles que apanham caranguejos conhecem bem os modos de vida desse ser, assim como de tantos outros. Estão atentos aos seus sons,

cheiros e rastros no manguezal, a maneira que habitam, como se alimentam, onde se escondem e por quanto tempo o fazem, quando o fazem.

De outro modo, Machado (2024) também aborda os ritmos e movimentos em contextos pesqueiros, discorrendo sobre as relações de parentesco e de trabalho que se dão entre as marisqueiras nos manguezais da Ilha de Matarandiba, município de Vera Cruz, Bahia. Na Ilha, as relações de amizade e comadrio entre as mulheres, tal como as altas e aéreas raízes de mangue vermelho, se sobressaem no vazar da maré, lugar em que também se “enraízam” e se costuram, pela “consideração”, essas relações (Machado, 2024).

Evidencia-se que a maré e a lama se configuram como extensões das casas físicas das comadres, uma vez que os manguezais são ambientes de fortalecimento e estreitamento das relações e de criação de seus filhos e afilhados. Diante da centralidade da maré no cotidiano das marisqueiras, “criar os filhos na maré” ou no mangue, como evocado por suas interlocutoras em Matarandiba, bem como em outros contextos etnográficos mencionados acima, incluindo o meu próprio, é uma expressão comum no nordeste brasileiro entre aqueles que da lama e das águas vivem e se beneficiam.

De modo semelhante, Izadora Acypreste (2022) nos apresenta movimentos de vidas de “beira do rio” através de diferentes noções de “forças”, dentre elas, das águas e dos astros. Compreendida enquanto local em que a “água anda ou já andou” (Acypreste 2022:109), a beira do rio é comum aos quatro territórios percorridos pela pesquisadora junto a quilombolas ribeirinhos e vazanteiros do município de Januária, norte de Minas Gerais. Os viventes de beira do rio têm seus corpos, relações e cotidianos cadenciados pelas águas do rio São Francisco — este que tem agência própria (Acypreste, 2022) — e pela lua, de forma que ambos, o rio e o astro, atuam tanto nas terras, entre as plantações e lida com animais, quanto no fluxo das águas, entre enchentes e vazantes, criam caminhos, formam ilhas e lagoas, levam e trazem coisas.

Os tempos, ritmos, movimentos e relações presentes nos ambientes das marés e manguezais demonstram como todos esses elementos atuam como agentes transformadores desses. As interações nesses lugares afetam diretamente suas paisagens, que são moldadas por essas relações entre os diferentes seres que as habitam. A observação contínua da maré, que dita os momentos de trabalho de quem *vêve* da pesca,

bem como os pontos e as condições para a atividade, é constantemente realizada e apreendida. Desse modo, a temporalidade das marés — que enche, vaza, sobe, desce, joga, lança, dentre outras movimentações — dinamiza esses ambientes. Contudo, como vimos com seu Balbino, essas não são as únicas forças que influenciam essa dinâmica.

A noção de paisagens fluidas (fluidscapes) (Stang, 2006) nos possibilita refletir sobre as diferentes relações entre seres e seus engajamentos com ambientes de águas. Para Veronica Stang, os diferentes usos da água, tanto no sentido material quanto simbólico, estão intimamente conectados ao engajamento das pessoas e às suas experiências sensoriais com o ambiente. Quando incorporados aos indivíduos, dinâmicos e em movimento, configuram paisagens fluidas (fluidscapes), que refletem a maneira das águas se manifestarem em diferentes dimensões sociais e culturais, atravessando as identidades dos grupos. Assim, a identidade assume uma fluidez, tal como o movimento das águas, mas ainda ligada a concretude vinculada à materialidade do ambiente que, por sua vez, também compõem a identidade social local (Stang, 2006: 149).

As discussões apresentadas por Stang (2006), Harris (1998) e Cunha (2022), assim como as de outros autores mencionados, nos levam a refletir sobre como a relação da paisagem com os seres humanos e não-humanos — incluindo a agência das estações, das águas, dos astros e das florestas — está imbricada, sendo moldada pelos próprios agentes que compõem esses ambientes, que não apenas os moldam, mas também constroem as relações que neles habitam.

As paisagens fluidas (fluidscapes), dessa forma, nos conduzem a essa outra compreensão ao observar as relações entre os seres e suas interações com os ambientes de águas, mas também de terras, pois, como destaca Harris (1998), o período da cheia se faz necessária para a riqueza e fartura no período de baixa-mar. As percepções dos indivíduos e grupos humanos, interagindo com os ambientes e seus usos, também apontam para as ontologias desses grupos, que tem suas vidas atravessadas por esses modos de viver e existir atrelados à materialidade do lugar, mas não só.

De outro modo, Cunha (2022) também discorre sobre a importância da água, que possibilita a vida na terra, embora esta ganhe uma maior centralidade em alguns debates, em especial aqueles sobre mudanças climáticas. Assim, a autora propõe que redirecionemos nossas perspectivas terrestres e humano-centradas para as vidas intra-

humanas e demais seres das águas, nos atentando às ontologias submersas enquanto condição de possibilidade no plantationceno.

Observo como os movimentos, ritmos e atividades presenciadas atravessam o território de diferentes formas. O território, portanto, vai além de suas limitações geográficas, envolvendo também questões ontológicas. Nesse contexto, ser quilombola se revela como uma das várias dimensões da vida dessas pessoas, em que o território não se restringe a uma identidade, mas se configura como um espaço vivido e experienciado de múltiplas formas. Ao percorrer os ambientes e perceber a paisagem, busquei aqui compreender como essas pessoas, por meio de suas práticas, constroem e vivenciam esse território de águas da baía.

Assim, de diferentes maneiras, por meio de relatos e análises etnográficas de outros autores e minhas próprias observações, entre terras e águas, busquei demonstrar como a relação entre seres humanos e não-humanos está profundamente entrelaçada ao ambiente que habitam. Esses ambientes moldam suas existências, ao mesmo tempo em que deixam suas marcas na paisagem. Nas águas, a sazonalidade dos rios e a temporalidade das marés permeiam a vida de diferentes seres, cadenciando suas relações e ritmos de trabalho, que respondem à alternância das águas e se guiam por seus movimentos. Tudo isso constitui a existência desses seres, e dessa paisagem.

Corrida a rede, com seu Balbino, no caminho de volta ao porto, avistamos, encostados nas ruínas do convento, cerca de dez pescadores que, por sua vez, *corriam* uma *rede de arrasto* com gosto. Já era o segundo *lanço* e continuava a vir bagre. A pescaria foi farta. Meu *mestre de rede* contou que, em alguns raros dias do ano, por cerca de dois ou três dias, era possível *acertar* em um cardume daquele. Tem vez que é do outro, mas esse ano foi *bagre como uma porra*. Esse dia, que seu Balbino e eu seguimos nos referindo como Dia do Bagre, ainda se estendeu por mais um dia ou dois. Nos referíamos ao dia em especial quando recordávamos e contávamos aos demais pescadores e marisqueiras da nossa farta pescaria. *Peixe é tudo acerto*.

Referências Bibliográficas

ACYPRESTE, Izadora. (2022). Entre a terra e o céu: os fluxos, os fluidos e as forças da vida na beira do rio. *RURIS (Campinas, Online)*, 13(2), 108–139. <https://doi.org/10.53000/rr.v13i2.17040>

COELHO PEREIRA, Lucas. (2021). Maré de lua: capitalismo, práticas e ecologias na lida com o caranguejo-uçá no Delta do Parnaíba (PI/MA) (Tese de doutorado). Universidade de Brasília, Brasília.

CUNHA, Olivia Maria Gomes da. (2022). Two Ways of Being Water: from the viewpoint of submerged worlds. In: *The Perfect Storm. Diffrakt: Center for Theoretical Periphery*. <https://aperfectstorm.net/two-ways-of-being-water/>. 14/02/2022.

HARRIS, Mark. (1998). The Rhythm of Life on the Amazon Floodplain: Seasonality and Sociality in a Riverine Village. *The Journal of the Royal Anthropological Institute*, 4(1), 65–82. <https://doi.org/10.2307/3034428>

MACHADO, Renata Freitas. (2024). A maré e a casa: as raízes do mangue e do parentesco na constituição de pessoas e paisagens na ilha de Matarandiba. *Mana*, 30(1). <https://doi.org/10.1590/1678-49442024v30n1e2024002.pt>

MURICY, Ivana Tavares. (2022). Reserva extrativista marinha Baía do Iguape: Espaços de disputas, conflitos e negociações (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Salvador.

PROST, Catherine. (2010). Resex marinha versus polo naval na Baía do Iguape - BA. *Novos Cadernos NAEA*, 13(1), 47-70. <http://dx.doi.org/10.5801/ncn.v13i1.391>

SACRAMENTO, Elionice Conceição. (2021). Da diáspora negra ao território das águas: ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA. Curitiba: Appris.

STANG, Veronica. (2006). Fluidscapes: Water, Identity and The Senses. *World Views: Environment, Culture, Religion*, 10, 147-154. <http://dx.doi.org/10.1163/156853506777965802>

ZAGATTO, Bruna Pastro (2019). Sobreposições territoriais em São Francisco do Paraguaçu: Território quilombola, fazendas e unidades de conservação, Baía do Iguape, Bahia (Tese de doutorado). Universidade Federal da Bahia, Departamento de Antropologia, Salvador